

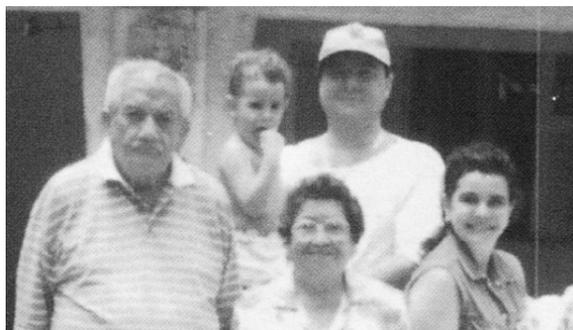
8. COM OS DO SOUSA GIRÃO

Luís Carneiro de Sousa Girão – o **Sousa Girão**, foi casado, em primeiras núpcias, com **Celina Cavalcante Girão**, com quem gerou: **Raimundo, Raul, Maria do Carmo e Geraldo**. Com **Mariinha**, com quem casou após enviudar, teve: **Maria Celina, Carlos, Celso e Luis**.



(Clássica foto de **Sousa**, sua esposa **Mariinha**, filhos e **netos**) (8)

Carlos



Carlois, como carinhosamente era chamado (na **foto** de baixo da página anterior com a família) (16), era o segundo filho de Sousa com Mariinha. Casou-se, já maduro em idade, com **Maria Ribeiro Girão** – a **Neném**, tendo **Valéria**, como única filha. Feições iguais ao do pai, Carlos era um dinâmico e desenvolto servidor do Departamento Nacional de Estrada de Rodagens (DNER, atual DNIT), na parte de Tesouraria. Naquele Departamento, enfrentava viagens, por vários lugares, na sua jurisdição (Terceiro Distrito Rodoviário Federal) para efetuar pagamento de pessoas e entidades que prestavam serviços para o referido órgão. Ele chegou a sofrer um acidente de carro, em uma das suas viagens, resultando em lesão de dois ou três dedos de uma mão, o que não lhe impediu de continuar trabalhando, até alcançar a justa aposentadoria por tempo de serviço. As suas ligações com Morada Nova eram antigas e foi numa dessas idas ao Interior, quando se hospedou com a sua Neném lá em casa, em 1957, que ele exigiu que eu passasse a residir com eles, com quem fiquei morando, por uns meses, no número 1080 da Rua Ana Neri, bairro de Jardim América, antiga Damas. Dentre os tantos parentes, na vizinhança, havia a Mariinha, a já citada viúva do Sousa e seus filhos (Luís, carinhosamente Luisinho; Celso e Celina, esta esposa do Dr. Assis Serra).

O admirável Luís

Passado pouco tempo na residência de Carlos e Neném, fui convocado pelo **LUÍS** (**foto**, a seguir à E), então ainda, solteiro, para morar com ele, no **NEC** ou **Quartinho**. De diminuta disponibilidade física (apenas um cômodo com um ou dois birôs, muitos livros; possibilidade para armar duas redes e um pequeno banheiro), tratava-se, na verdade, de um monumental espaço de ciência, cultura, e humanismo, a partir do seu venerável criador e mantenedor. Ficava no número 1058 da Rua Ana Neri, tendo sido edificado, nos fundos do quintal da casa de Mariinha, a qual dava frente para o número 4.060 da Avenida João Pessoa.



(8)



(17)

Além de **Luisinho e eu** - moradores, vários outros estudantes utilizavam o Quartinho, conforme se mencionará adiante. Era lá que, também, nos reuníamos para alguns outros encontros, como aqueles para ouvir, pelo rádio, os jogos da Seleção Brasileira de Futebol nas copas mundiais de 1958 e 1962. A propósito, embora não acompanhássemos rotineiramente os fatos futebolísticos, crescíamos em sentimento cívico quando se tratava dos eventos relacionados ao nosso selecionado. Luís, assim como Celso e, nós - os seus admiradores, fazíamos coro com eles nas discussões de vários temas importantes para o país e para a Humanidade, como a **causa da paz mundial**, prioridade do grande **Bertrand Russel**; algumas posições retrógradas da Igreja Católica; a causa nacionalista contra os trambiques econômicos dos Estados Unidos da América contra o nosso país; a causa do petróleo e outros temas de interesse para o Brasil e seu povo. O nosso justificado sentimento anti-americanista, todavia, não nos levava necessariamente a admirar ou torcer pela ditadura estatal da então União Soviética. Como dizia Luís, citando Russel, todo ismo pode ser nefasto.

Uma empreitada que logo nos arrebatou foi a campanha para a eleição, à Assembleia do Ceará, do **Blanchard Girão** (foto à D. da página anterior), menos pelo nosso parentesco de família e muito mais pela sua legenda de honestidade, espírito público e ampla visão social.

Recordo-me de sairmos pelas ruas, colando retratinhos do Blanchard; de termos participado de visitas a Morada Nova, para motivar pessoas a votar nele; e, sobretudo, da grande alegria que tivemos com a sua eleição, diplomação e posse no nosso legislativo estadual. **Em 1964**, sofremos juntos pelo advento do golpe de estado, e mais ainda, pela sua cassação e reclusão, como preso político. Íamos, todos os fins de semana, por mais de oito meses seguidos, visitá-lo e aos seus colegas de prisão, no quartel do 23º. Batalhão de Caçadores, na Avenida Treze de Maio. Além daquela solidariedade, apoiávamos os seus familiares, especialmente a **Cleide**, sua esposa, aos pais (**José Augusto e Lulu**) e seus irmãos (**Geraldo, Sonia, José Augusto e Maria Mazarelo**). Ao Blanchard foi acrescido o agravante de saber do suicídio do seu pai - o bom e pacífico **José Augusto Ribeiro**, que, mesmo consumindo todo o seu tempo nas atribuições de Juiz de Direito em cidade do Interior, não conseguiu livrar-se da terrível dor da mente causada pelo sofrimento do filho amado. Chegamos a participar de alguns movimentos para angariar ajuda financeira para aqueles presos, comercializando, porta

a porta, um disco em vinil, contendo crônicas natalinas de autores cearenses, dentre os quais uma de Blanchard, lançado ao final de 1964. Se o resultado financeiro do empreendimento foi compensador, não me recordo, mas sei que tal obra, depois gravada em CD, constitui uma relíquia, sendo algo de grande valor artístico que guardo com muito carinho.

Voltando ao ambiente do *NEC*, cabe lembrar que, lá, transbordavam: civismo, amor à ciência e às artes, amor à natureza, amor ao próximo e à humanidade. Tínhamos como nos alimentar fartamente do grande manancial de livros, idéias e discussões sobre os mais variados temas. **Luís** tinha um único e saudável vício – o de comprar livros. Não raramente adquiria mais de um exemplar da mesma obra, para presenteá-lo às pessoas. Havia livros das mais variadas ciências básicas, divulgação científica, história, filosofia, literatura brasileira e estrangeira, línguas, crítica social e muitos outros assuntos. Assim, nós, os seus dependentes intelectuais e convivas, praticamente não necessitávamos de fazer dispêndio com a aquisição de material, para os cursos que fazíamos (Ginasial e depois Científico), nem mesmo para a preparação ao Vestibular. Quanto a este último aspecto, Luís nos confessava o seu plano de ser médico, profissão que muito lhe seria adequada. Passaram-se os anos, ele não tentou fazer o vestibular e, assim, a Humanidade se viu privada de um dos maiores discípulos de Hipócrates, que Luis, com absoluta certeza, o seria. Restou-nos, ainda bem, que ele continuasse a ser um dos maiores seguidores de Jesus Cristo, apesar de não se declarar cristão, no sentido formal do termo. Na condição de jovem idealista, ele era cético, especialmente com os dogmas da Igreja Católica e frontalmente contra as várias atrocidades cometidas pela Inquisição, como a que sacrificou, na fogueira, **Giordano Bruno**.

Em homenagem àquele grande homem, Luis viria a nominar sua primeira filha de **Giordana** Andréa, de quem, eu e Valtina, temos a honra de ser padrinhos. Em se tratando de homenagens, Luís foi, igualmente, feliz pois o seu notável primogênito se chama **Bertrand Luís**, em honra àquele filósofo inglês, arauto maior da paz mundial.

Luis, por outro lado, tinha, a exemplo do pai e dos irmãos, uma inquietude bendita, na **doação** (de si próprio, como deve ser) e no **fazer**: fazer o possível, a favor da humanidade. Se mais não fez, ponha-se isto na conta de limitações de ordem material, nunca, na sua inércia afetiva.

Pelo seu afeto universal para com as pessoas, costumava tratá-las carinhosamente no diminutivo, com o fazia o ipanemense poeta Vinícius de Moraes.

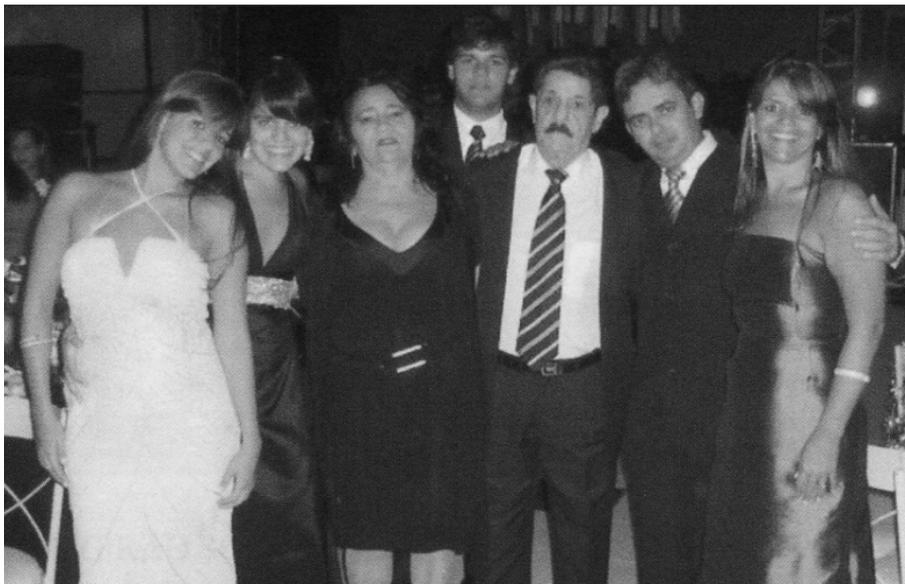
Comigo, a quem acolheu plenamente, como já disse, na sua república – não teve como deixar de me chamar de “Zezinho”, até por ser ele próprio nominado Lusinho, pelos íntimos e, mesmo, pelos numerosos profissionais do Fórum.

Sobre os filhos, todos lograram herdar do pai o bom caráter e o senso de cidadania e humanitarismo.

Bertrand, ainda jovem, é um destacado profissional na área de comercialização imobiliária, tendo boa estabilidade econômica e familiar, com filhos.

Giordana, com duas graduações de nível superior, é radicada em Salvador, onde, casada, tem também descendente.

Os três mais novos – dele e a sua **Teresinha (Adriana Suellen, Lilian Stephane e Thales Newman)** são, a exemplo dos dois primeiros, jovens que aliam à formosura, bom caráter, inteligência e amor ao próximo.



Luís, Teresinha e filhos (8)

Celso. Os outros usuários do NEC



(18)

Celso (foto) era o irmão mais chegado ao Luis e por este sempre chamado de Celsinho, mesmo depois de ter nascido o outro Celsinho, este ultimo filho do primeiro.

Celso casou-se, pouco tempo depois de eu passar a conviver com eles. Penso ter sido **Wilma** (nascida Matos), a sua única namorada. De filhas, o casal, teve Raquel e Cacilda.



Celso, Wilma e filhos (18)

Muito aplicado aos estudos, foi, igualmente, servidor público dedicado e reto. Passou, sucessivamente, pela 1ª. Escrivania do Crime, Júri e Execuções Criminais, Departamento Nacional de Estradas

de Rodagens (DNER, atual DNIT) e Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI). Bacharel, logo optou por ingressar na **Magistratura**, a qual exerceu em várias comarcas do interior do estado. Em Fortaleza, onde chegou, com justiça, assumiu uma Vara Criminal. Neste mister, trabalhava com toda a energia e entusiasmo, marcas importantes dos descendentes do Sousa. Ao presidir sessões de julgamento, no Júri Popular, aproveitava, com freqüência, para, simultaneamente, fazer despachos em processos. Consta, até, que dependendo do momento da sessão do Júri, e havendo necessidade, presidia uma outra audiência, em paralelo, visando a evitar retardo no andamento dos processos. Em outras ocasiões, chegava a auxiliar outros juízes, se solicitado. Grande estudioso da Ciência do Direito, opinava, quando argüido, sobre aspectos jurídicos os mais variados. Nos fins de semana, em sua residência, completava tarefas que eventualmente tivessem restado dos dias úteis. A respeito, ele me confessou, certa vez, que a conclusão de uma sentença processual lhe trazia grande bem estar orgânico, inclusive no próprio funcionamento dos intestinos (tinha a tendência crônica de sofrer da constipação intestinal). Na casa da Avenida João Pessoa, número 4060, vizinha à esquina com a Rua Ana Neri, Celso morou, por muito anos, lá continuando mesmo depois de casado e com filhos.

Era bom latinista e purista do Português. Conosco - os demais que usufruíam daquele núcleo de estudos, mantinha semelhança de opiniões sobre todos os variados assuntos. Gostava de boa música, com certa predileção para canções italianas e foi grande frequentador do Cinema São Luiz, na época em que os divertimentos televisivos não tinham, ainda, tomado conta dos lares dos brasileiros.

Assis Serra, outro conviva nosso (casado com **Celina** – filha, também, de Mariinha e de Sousa), dentista, e já com todos os filhos nascidos, era acadêmico de Medicina. No **Quartinho**, tinha o hábito de *assumir* uma rede, onde estudava até tarde da noite, de modo que a função, naquele ambiente, era quase contínua, posto que Celso, madrugador, chegava lá, para também estudar, pelas quatro da manhã. Tal *moto-contínuo*, porém, não nos impedia – a mim e ao Luis que lá pernoitávamos – de dormir razoavelmente bem.

Ao final de 1958, Serra graduou-se Médico, pela Universidade Federal do Ceará e a sua freqüência ao nosso ambiente de estudo passou a ser bem menor, ocorrendo mais em finais de semana ou quando

havia algum acontecimento mais importante, como os jogos da Seleção Brasileira na copa do mundo ou no campeonato sul-americano de futebol.

Outro companheiro era **Silvio Oderp**, nosso parente próximo, filho que é de **Alberto e Celeste Girão**. No início da nossa convivência ele era estudante secundarista. Noctívago também, tinha caligrafia muito boa, grande queda para as ciências exatas, renunciando o brilhante Engenheiro que viria a ser. Era muito preciso nas suas afirmações e falava metodicamente. Aparentava sisudez mas, pelo menos conosco, mantinha ótimo humor. Algo reservado, não deixava, contudo, de participar dos poucos, ingênuos e animados programas juvenis que fazíamos: passeio a Morada Nova nas férias de julho; piquenique no **Sítio Passaré**, do Raimundo Girão ou na **Fazenda Akisim** do J.G.Vieira. Na nossa terrinha, hospedava-se sempre na casa do seu tio **ZeZito Macena**, por sinal meu padrinho, o qual, juntamente com a sua simpática esposa - **Osmilde**, tinha grande prazer em acolhê-lo. Aprovado com facilidade na UFC, optou por se graduar em Engenharia de Metalurgia, em Volta Redonda, RJ. **Engenheiro da Companhia Siderúrgica Nacional**, naquela cidade, e acompanhado do filho Pedro, retornou para o Ceará, onde nos temos encontrado muito menos do que o nosso querer bem exigiria.

Raimundo Hilton Girão Nogueira é filho do **Sr. Martins Nogueira** e de **Dona Maria da Conceição**, sendo esta uma girôa.

Ela foi uma das professoras primárias que mais educou jovens na região do Sítio Patos, aquela parte do município moradanovense a oeste da cidade e habitada principalmente por Girões. Não tive a honra de lhe ter sido aluno, mas meus irmãos Luiz e Nilda o foram, auferindo bons ensinamentos. A sua sala de aula, na própria casa, distava cerca de 3 a 4 quilômetros da nossa e para lá aqueles meus dois irmãos iam, muitas vezes, montados em jumento. Destacam eles um acontecimento em que, na ida ou na vinda daquela escola, toparam com uma vaca *dadeira* (agressiva, com os seus chifres) e parece que, não tendo podido fugir, pois lerdo era o jumento que montavam, não tiveram outra solução, para se livrarem das chifradas, que não a de se treparem em uma salvadora árvore.

Do casal Girão/Nogueira, vieram vários filhos, sendo que minha aproximação maior foi com o referido Raimundo Hilton e, depois, com **Marta**, esposa do primo, **Dr. Edísio Machado Carneiro**.

Hilton, ao final da conclusão do Curso Científico, achegou-se ao *NEC* e também *bebeu* naquela fonte. Saiu-se muito bem no vestibular para Medicina Veterinária e, depois de formado, migrou para Minas Gerais, onde é destacado na sua atividade, incluindo o magistério universitário, em Belo Horizonte onde também constituiu família.

Vindo do **Jaime** e de **Stela** (Maria Stelina) Girão, **Sydney** foi também nosso companheiro de *NEC* e, como o Raimundo Hilton, é Médico Veterinário. **Jandira**, a esposa, é conterrânea (de Morada Nova) e, de Eduardo – filho único, tem duas netas, às quais os avós dão os melhores cuidados e carinhos. Sydney moraria, depois de formado, por muitos anos fora do Ceará e, aqui, cumpriu o restante da sua atividade, como funcionário público, no Serviço de Inspeção de Produtos de Origem Animal, do Ministério da Agricultura. Costumam ir à terrinha, mesmo após Jaime ter alienado a sua fazenda, ficando hospedados em casas dos Bezerra/ Castro.

Durval Girão, meu amigo e primo, filho de João de Deus e tia Ana, é, de Sydney, também, primo, amigo e concunhado, posto que a mulher do primeiro – **Jacilda** é irmã de Jandira. Com Durval, a minha convivência foi, principalmente, quando, garotos, morávamos no sertão. Depois, tivemos encontros fortuitos quando estudávamos no Liceu e, posteriormente, usufruí, em várias ocasiões da carona que ele nos dava (não somente a mim, mas a Sydney e outros parentes), no seu caminhãozinho Ford, em que transportava cargas, entre Fortaleza e Morada Nova.

Minha convivência com o **Guilherme Girão (GG)** já fora maior, durante a minha infância/adolescência, quando ele ia, conforme já relatado, passar conosco, no Sertão, todos os julhos. A mim e Valtina muito nos agrada e conforta a amizade que temos com aquele distinto casal.

No *Quartinho*, a sua frequência só era menor, por causa da sua ocupação no DNER, onde chegaria a ser Procurador Autárquico.

A sua elegância, na postura e na indumentária, seu charme e carisma o tornavam alvo de admiração, por parte de algumas jovens moradanovenses, o que, felizmente, não o fez se desviar do forte vínculo afetivo com a sua **Estrela**, tanto que, atualmente, são um casal exemplar. Das suas duas queridas filhas (**Ana Paula** e **Ana Cristina**), têm a ventura de possuir uma bonita descendência.

No mesmo quarteirão da Rua Ana Neri, onde localizado era o NEC, havia casas de várias pessoas amigas e/ou parentes. Na esquina com a Avenida João Pessoa, era a do casal Celeste/Alberto Girão, pais, como foi dito, do Oderp. Bem em frente a nós, era o domicílio de Ofir e Renato Serra, este irmão do Assis, antes citado, ambos destacados funcionários dos Correios e Telégrafos e pais de Kleber, Renatinho e Sérgio. O primeiro, já taludo, frequentava o Quartinho e gostava da disciplina de Física. Na casa deles, morou, por alguns tempos, o amigo fraterno **Haroldo Cavalcante**, o qual nos era mais assíduo. Haroldo, irmão de Ofir, tinha particular dedicação à Matemática, à Física e à Música Popular Brasileira. *Arranhava um violão* e foi um dos introdutores das canções da Bossa Nova no nosso ambiente. Ressalvo que, naquele tempo, eu não me entusiasmei, logo, por aquelas tiradas desafinadas, principalmente algumas meio chatas, como a música O Pato. Haroldo mantinha alguma identificação de gosto musical com Roger Rogério que, residindo na Avenida João Pessoa, chegou a nos fazer algumas visitas, àquele tempo bem antes de surgido o Pessoal do Ceará, movimento musical do qual viria ele a ser uma figura destacada.

Já profissional formado, morando fora do Ceará e bem colocado, Haroldo vinha, com certa frequência, a Fortaleza e nos dava a grande alegria da visita, não sem, antes, ir, religiosamente, à casa – enciclopédia da música - do **Cristiano Câmara** (este irmão do migranoso e enxadrista campeão Ronald e sobrinho do Santo D. Helder Câmara). Àquele relicário musical, que era a casa/museu de Cristiano, eu, que nunca fora com o Haroldo, fi-lo, depois, pela mão do querido Blanchard, em uma calma tarde de sábado, quando, maravilhado fiquei, com o que vi. Cabe registrar do enlevo que também tive, por ocasião da visita que Blanchard propiciou – a mim e ao concunhado Ferrer Freitas – ao monumental **Museu do Nirez**.

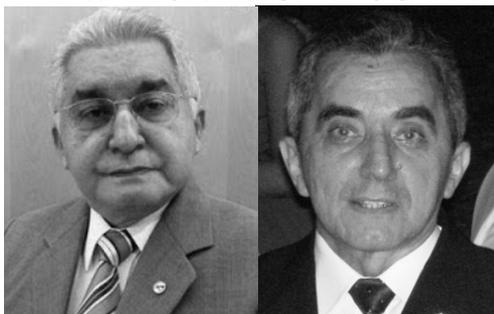
Na Rua Ana Neri, no referido quarteirão entre a Avenida João Pessoa e a Rua Machado de Assis, bem defronte à casa do casal Carlois/Nenen, morava o **José Nonato Lima Freire** (carinhosamente chamado de *Babá*), também habitué do Quartinho e nosso amigo.

Na Primeira Escrivania do Crime, Júri e Execuções Criminais

Em 1959, eu já morando no NEC, deixei de receber a mesada do meu pai, o qual, doente e acamado, assim continuaria até falecer em 1961. **Luisinho**, então, não titubeou em me propiciar a primeira atividade laboral, como empregado administrativo (projeto de Escrevente) do **Cartório Girão** (1ª. Escrivania do Crime Júri e Execuções Criminais) então sob sua chefia, porquanto licenciado estava o titular e seu irmão **Geraldo de Sousa Girão**. Eu, àquele tempo, ainda menor de idade, não pude ingressar logo, oficialmente, como funcionário público, até mesmo pela inexistência de vaga, no quadro da referida repartição. Não foi por tal óbice, contudo, que deixei de ter a minha remuneração, porquanto passei a receber uma quantia, mensal, uma espécie de salário, paga por Luís e retirada dos seus próprios proventos.

Por aquele Cartório, já tinham passado, antes de mim, outros tantos da família: Babá (Maria do Carmo Girão Pinto, penúltima filha do primeiro matrimônio do Sousa); Celina, Celso e Guilherme (GG). Da família, foi-me, também, contemporâneo, no Cartório,

WILTON MACHADOCARNEIRO (foto a seguir, à E), o qual,



(19)

após graduar-se em Direito, e exercer, por longos anos, a Magistratura cearense, foi alçado, por tempo de serviço e merecimento, à Desembargadoria. (Pouco tempo depois da posse, na mais alta corte de justiça do estado, Wilton viria a ter sua vida tragada por um ataque car-

díaco, que não lhe ensejou qualquer chance, vindo a deixar, muito compungidos, os seus parentes, amigos e colegas, além de causar, à Justiça do Ceará, uma grande perda). O competente e amável médico **EDÍSIO MACHADO CARNEIRO** (foto anterior, à D), que, como seu irmão Wilton, era filho de **Júlio Carneiro** e **Lourdes Machado** (esta tia do Luisinho, já que irmã de Mariinha), fora, quando mais jovem, também, Escrevente do Cartório. De lá, Edísio só saiu após fazer-se médico, pela nossa Faculdade de Medicina Federal, tendo se especializado em Clínica Médica (no tradicional HSE - Hospital dos Servidores do Estado, ex-IPASE, Rio de Janeiro/RJ), Cardiologia e Terapia Intensiva. Exerceu, com grande competência e humanitarismo, as suas especiali-

dades, em Fortaleza, tanto ao nível de serviço público (Hospital do Coração de Messejana, Hospital Cesar Cals e Instituto José Frota), e em consultório particular.

Aquela Escrivania, no que pese a designação de **Cartório Girão**, era de natureza pública, subordinada à Diretoria do Fórum Clóvis Beviláqua, entidade que, por sua vez, era uma instância da nossa Justiça Estadual. O seu primeiro Escrivão foi o notável **Sousa Girão**. Quando, lá, eu trabalhei, Geraldo, o então Titular, se encontrava licenciado, estando à frente do cartório o **Luís**.

Posteriormente, continuando o impedimento de Geraldo, assumiriam, em sequência, a Escrivania, **Stella Cavalcanti Prata** e **Olga Campelo de Queiroz**, até que, aposentado **Geraldo**, Luís voltasse ao comando, dessa feita como titular. **Mirian Alves de Brito**, **Doralice Severiano** e outros foram também, ao meu tempo, diligentes escreventes, sendo que a primeira chegou a ocupar a titularidade da Escrivania, após a aposentadoria do Luís.

Dois Cabos da Guarda Civil, **Serpa** e **Expedito**, remanejados do seu quartel, prestavam serviços de segurança no Cartório. Serpa era de grande educação e serenidade, na convivência, e me recordo que ele preenchia os livros de protocolos de saída e entrada dos processos ou inquéritos com uma caligrafia bem legível. Dele não esqueço também a palavra autoridade, com que costumava adjetivar senhoritas ou senhoras formosas.

De fato, nada mais merecedor da nossa admiração do que as mulheres, especialmente aquelas que, graças à sua maravilhosa natureza feminina estrógeno-dependente, seja terna e bem humorada.

O outro cabo era algo lento de raciocínio e ações. Para incentivá-los, Luís só os tratava de sargentos. Aliás, mercê da sua imensa bondade, Luisinho usualmente *promovia* as pessoas, no tratamento com elas. A maioria declinava de tal reverência, mas devo confessar que havia alguns Juízes, nem sempre os mais competentes, que se regozijavam ao serem chamados, por Luís, de Desembargador... Alcancei o Cartório funcionando, ainda, em um prédio da Rua Major Facundo, em dependência vizinha ao Edifício Butano, com as audiências sendo realizadas em salas do velho Tribunal de Justiça, na Rua Barão do Rio Branco.

Mudamo-nos depois para o, então recém-inaugurado, prédio da Praça D. Pedro II, no início da Avenida Alberto Nepomuceno, em frente à Sé Catedral. Lá, foram locados todos os cartórios (inclusive os cíveis), a sala do Júri, salas de audiências, Depósito Público e Cartório de Distribuição de Feitos. Testemunhei, sempre, o dinamismo e a retidão de conduta do Luisinho, o que não o impedia de ter uma postura fraterna e alegre, seguindo a tradição do seu pai. Testemunhei, também, o brilhantismo e o espírito público de muitos membros da Magistratura, do Ministério Público e da Advocacia. Muitos viriam, depois, a ser alçados à Desembargadoria. Alguns se destacavam pela serenidade, outros pelo ímpeto. Todos, praticamente, pela disposição de bem servir. Ficaram-me assinalados na mente os Magistrados **Valdetário Mota, Banhos Netto, Eurico Alves Monteiro, Joaquim Jorge de Souza Filho e Moacir Catunda**. Dos Promotores, não se pode olvidar de **Deusedith de Souza, Ivan Domingues da Silva e Weimar Silva Thé**. **Evaldo Ponte** pontificou como advogado, especialmente no Júri Popular. Tratava-se de um profissional do maior aprumo e elegância, no trato com as pessoas e nunca o vi produzir qualquer ação ou afirmação que pudesse ofender a quem quer. Antonio de **Pádua Barroso**, um dos mais hábeis e elegantes advogados que vi atuar, parece-me que não labutava, com grande frequência, nas causas criminais. Nos anos de chumbo do regime militar, teve longa e notável atuação na defesa justa dos presos políticos. Outros causídicos, cujos nomes guardei na memória, foram: **Erbe Firmeza, José Cardoso de Alencar, Jesus Brito, Roberto Martins Rodrigues, Ivan Barreira, Olavo Oliveira, José Olavo de Souza, Olavo Sampaio, Manoel Lima Soares (Neo) e Yvan Parayba** (este - pai do cirurgião pediátrico **José Parayba**, meu colega de turma da Faculdade de Medicina).

Anos depois, todas as atividades forenses passariam para novo e amplo prédio da Avenida Washington Soares, sendo o anterior demolido, a fim de aumentar o espaço da Praça da Sé. No novo cenário, continuam a trabalhar alguns parentes nossos, dos quais me vêm à mente **Anete Cavalcante Girão e Luiz Girão Carneiro Neto**, meus sobrinhos, posto serem filhos do meu mano Luiz. Sabe-se já terem sido extintas as escrivanias, passando os escreventes e demais servidores, atualmente, a integrarem o corpo de suporte funcional às diversas Secretarias de Varas, daquele Fórum.

Os outros do Sousa

Celina

Na **foto** adiante, com **Assis Serra**, médico – o esposo, filhos, genros, noras e netos, era **Celina** uma bela e espontânea *Girôa*. Daquele belo casal, vieram os filhos: **Thânia, Áurea, Fábio e Newton**. Dedicada, por demais, a esposo e filhos, Celina nunca deixou de ser também uma aplicada servidora da Justiça Estadual, de onde se aposentou por tempo de serviço. O seu súbito passamento não traumatizou apenas os da sua casa. A todos nós, seus parentes próximos e os amigos, significou um infausto e doloroso acontecimento.



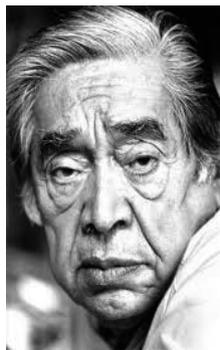
Sentados, no centro, **Assis e Celina** (20)

Geraldo (21)

Com Geraldo (**foto**, a seguir, à E.), o último filho do primeiro matrimônio do Sousa, privei também de uma boa convivência.



Geraldo, do primeiro leito, com **Lúcia Nunes Lima**, teve **Dinah**. Do segundo casamento, com a prima **Stella Cavalcanti Prata**, nasceram **Angeline e Jaqueline**. A foto à D. do final da página anterior registra (E→D): Angeline e Jaqueline, em pé e, sentados: Stella e os dois netos, filhos de Jaqueline. Mesmo não sendo formado em Direito, Geraldo, tinha grande conhecimento da matéria, particularmente em Processo Penal e em Direito Administrativo. Era de uma agradável convivência, com colegas da Justiça, irmãos, parentes mais próximos, Juízes, Promotores e Advogados. De espírito alegre, contribuiu, durante alguns anos, para animar o Carnaval de rua de Fortaleza, comandando, junto com o irmão Carlois, o bloco *Vassoura Suja*. Quando mais jovem, tivera estreita convivência social com os pintores **Antônio Bandeira** (foto à E) e **Aldemir Martins** (foto à D) ⁽¹⁵⁾.



Com Geraldo, Stella e filhas, residi por um bom tempo (rua dos Tabajaras, nº. 517), na Praia de Iracema, ainda bucólica, nos anos sessenta.

Eles costumavam receber alguns amigos, lembrando-me bem do **Doutor José Maria de Andrade**, então Catedrático da Cadeira de Oftalmologia e de quem eu viria depois a ser aluno. **Eneida Girão**, outra amiga do casal, era-lhes parente próxima, porquanto filha de **José Girão**, ilustre Magistrado e primo legítimo da minha mãe. Naquele tempo, a *Praia dos Amores* era frequentada por muitas pessoas, mesmo as que não tinham transporte próprio. Os ônibus da Empresa Iracema circulavam satisfatoriamente, tendo seu ponto, no centro da cidade, na Praça Waldemar Falcão, vizinho ao Mercado Central, pelo seu lado oeste (Rua General Bezerril).

Lembro-me também de que, em uma das suas vindas a Fortaleza, Bandeira permaneceu, por todo um dia, na residência de Geraldo/Stella, ocasião em que vieram também outros amigos comuns.

Já médico, eu tive o prazer de manter encontros frequentes com aqueles primos e seus familiares, quando eles moravam na Rua José Lourenço, próximo a Avenida Pontes Vieira. Posteriormente, Stella tem realizado, no meu consultório, acompanhamento clínico do seu estado de saúde. Em anos recentes demoramo-nos, Valtina e eu, por alguns dias, em Verbânia, Norte da Itália, onde, fomos ciceroneados por Angeline e Augusto, seu esposo.

Geraldo viria a falecer, ainda relativamente cedo, após complicação de uma cirurgia.

Raimundo



De **Raimundo Girão** (foto) ⁽²²⁾ o primogênito do **Sousa**, não poderia eu, aqui, traçar o perfil completo, em face do homem grandioso e múltiplo, que ele foi. É que, além da sua vasta obra, felizmente registrada em livros e outras publicações, melhor não há do que a própria autobiografia (*Palestina, uma agulha e as saudades*) ⁽²²⁾ e o importante livro *Raimundo Girão, o Homem*, obra de **Eurípedes Chaves Jr. e Valdelice Carneiro Girão** – orgs. ⁽²³⁾.

Apraz-me, todavia, registrar, apenas alguns pontos que, com ele, o meu núcleo familiar teve mais estreitamente. Raimundo, quando ia a Morada Nova, costumava fazer uma visita a meu avô **Luiz Carneiro**, seu tio, posto ser este irmão do Sousa. De Fortaleza, ele costumava enviar jornais para o tio, os quais, mesmo chegando dias ou até semanas depois da publicação, eram todos sorvidos pelo Luiz Carneiro, através da leitura pela minha **vovó Luzia**, conforme já mencionado anteriormente. Raimundo, a exemplo do pai e dos irmãos, exercitava também a fraternidade cristã, por inteiro. Conosco não foi diferente. Em 1934, tendo papai sido acometido de enfermidade incapacitante, veio para Fortaleza com mamãe, no afã de obter tratamento, sendo acolhido por Raimundo, Sousa e família.

Nascida minha irmã Nilda, **Raimundo** e **Marizot** aquiesceram em lhe serem padrinhos e, por toda a vida deles, lhe dedicarem um continuado apreço, assim como, aos seus compadres (*Girão e Jovem*).

Sobre Raimundo, também, cumpre declarar a nossa maior gratidão, pelo apoio que, novamente, nos deu, no ano de 1959, quando papai, sofreu novo e acentuado agravo à sua saúde. Para tanto, Raimundo diligenciou e conseguiu a internação na Enfermaria de Urologia da Santa Casa de Misericórdia, tendo intermediado entendimentos com a equipe urológica daquela casa de assistência, na pessoa do **Dr. Osvaldo Soares**. Alguns meses depois, papai sofreu estrangulamento de hérnias inguinais, bilateralmente e, pela providencial interferência, mais uma vez, daquele ilustre primo, foi papai beneficiado pela perícia cirúrgica do **Doutor Bié (Dr. Abner Brígido Costa)** na, então, Casa de Saúde São Lucas, na Praça da Lagoinha.

Pude, felizmente, anos depois, retribuir um pouco de tantas benesses, com a minha atenção médica, que, com toda a honra, procurei dar a Raimundo, Marizot e alguns dos seus.

Em visitas, na residência daquele simpático e querido casal, na Av Rui Barbosa, tive, sempre, o prazer de ser bem acolhido e usufruir da sua boa palestra, bem como por parte de todos da família: (**Celina, Celita, Célio, Celmo, Célvio, Célcio, Celber e Celzir**, além de **Carmelita**, filha *in pectoris*, nascida de Climério e Fransquinha – **foto**, a seguir.



Raimundo Girão, Marizot e todos os filhos (22)

Em uma daquelas visitas, acompanhou-me **Ferrer Freitas**, meu concunhado de Oeiras, de boa veia intelectual, autor de livro e outros escritos e ex-Presidente do Instituto Histórico daquela Primeira Capital do Piauí. Ferrer deliciou-se, também, com o *papo* mantido com Raimundo e, na ocasião, chegou-se a cogitar da visita dele a Oeiras, o que terminou por não se concretizar. Aquela casa recebia, todas as tardes, um grande número de filhos, netos, parentes e, até mesmo, pessoas de fora, para um pródigo café. Tal generosidade também se dava na parte de auxílio financeiro, mantido por Marizot, mesmo no seu tempo de viuvez.

O Sítio **Passaré** foi-me, por muitas vezes, lugar de lazer, desde os tempos da Ana Neri. Já casado, para lá fui, com Valtina, em várias ocasiões comemorativas de aniversário de Marizot e Raimundo. A respeito daquele agradável recanto, **Célvio Girão** honrou a descendência literária do pai e lançou, em anos recentes, um alentado livro, muito interessante.

As doces **Celda** e **Celne** (**foto** a seguir, à E) foram as filhas que permaneceram na casa dos pais, durante a alegre e longa existência terrena deles (**foto** a seguir à D).



As doces **Celda e Celne** (22) **Raimundo** e sua **Marizot**, já longevos (22)

Celzir e **Célio**, para nossa saudade, já estão em uma instância superior. Raimundo e Marizot tiveram vida longa, fecunda, honrada, magnificente e feliz.

Raul (24)

O Doutor **Raul**, de hábitos mais reservados, também se excedia em bondade. Teve a seu lado, durante quase toda a existência, a simpatia e generosidade da amorosa esposa **Belar (foto)**, não tendo vindo deles, no entanto, descendentes biológicos.



O amor fraternal do casal levou-os a adotar vários filhos, em geral de parentes, para os quais se doaram material e espiritualmente, desde **José Américo, Ilka** e outros.

Juiz de Direito, reto e muito produtivo, em várias cidades do interior do estado, teve uma passagem mais demorada em Pacajus, onde chegou a ser vítima de violência, decorrente da rigorosa prática de Justiça, que ele imprimia às suas decisões judiciais. Lá, também, deu uma vazão à sua operosidade, na fabricação artesanal de produtos de caju e castanha (Produtos BêGirão), que chegaram a comercializar e a presentear aos amigos. Aposentado da Magistratura, assumiu algumas causas cíveis no nosso Fórum, em atendimento, gratuito, a pessoas que não tinham condições financeiras de pagar advogados.

Em tempos recuados, ele tinha algumas cabeças de gado que eram cuidadas por papai, em Morada Nova e conosco sempre manteve ótima relação.

Sofreria o maior golpe da sua vida com o passamento da sua Belar, ainda em plena capacidade produtiva.

Tempos depois, parcialmente refeito, consorciar-se-ia com **Dolores Santos** (foto a seguir) que lhe foi também esposa solidária, pelo restante da sua existência.



Maria do Carmo

Maria do Carmo, Babá para os íntimos (na **foto** a seguir com **Adauto**, o esposo e seu filho **Amilcar**) foi a penúltima filha do primeiro matrimônio de Sousa.



Adauto, Babá e Amilcar (25)

Funcionária da Justiça, trabalhou até a merecida aposentadoria. Casada com Adauto Pinto, homem de hábitos cavalheirescos e reta conduta, teve três filhos, dos quais sobrevive apenas **Ailca**. Sempre residiram em casa central, da Avenida do Imperador, na qual Raul e Belar tinham, também, a casa.

Minha convivência com eles foi mais a nível de consultório, onde pude participar do tratamento da sua saúde.